
GEOGRAFANDO O LITORAL SUL CAPIXABA: ENCONTROS E EXPERIÊNCIAS DOS COTIDIANOS ESCOLARES COM A PESQUISA DE CAMPO

GEOGRAPHING THE SOUTH COAST OF ESPÍRITO SANTO: MEETINGS AND EXPERIENCES OF THE SCHOLAR DAILY LIFE WITH THE FIELD RESEARCH

Yuri Victor Melo
ymello@hotmail.com

Licenciado e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Cecília Uliana Zandonadi
ceciliauli@hotmail.com

Licenciada e bacharelada em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Roberto Márcio da Silveira
robertoprofessor1978@gmail.com

Licenciado em Geografia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

RESUMO

A investigação proposta originou-se das inter-relações teórico-práticas engendradas no decorrer do Programa Residência Pedagógica e consubstanciou-se a partir da pesquisa de campo para o município de Guarapari-ES, litoral sul capixaba. Este estudo objetiva, por meio da pesquisa de campo, que os/as diversos agentes sociais, estudantes, professores, pedagogos e residentes, compreendam suas realidades, cartografem paisagens, expressem sentimentos, sensibilizem-se com o ambiente e exerçam a empatia e a cidadania. A fim de perfazer e justificar o referido intento, buscou-se fortalecer a educação prático-teórica e conduzir o exercício de professorar de forma ativa, viabilizando a práxis e a reflexão crítica em campo nos processos formativos. Tal perquirição anela superar as adversidades presentes nos processos dialógicos educacionais, notadamente o distanciamento entre os conteúdos curriculares e as vivências e experiências dos agentes sociais. Metodologicamente, utilizou-se o método cartográfico e os estudos nos/dos cotidianos. Como bases teóricas foram utilizadas as pesquisas ambientais e as compreensões educacionais freirianas em hibridismo com as experimentações discentes. Decorre-se da investigação *in situ* a sensibilização e apreensão espaço-temporal por parte de estudantes, professores e coordenadores acerca das paisagens, lugares e territórios litorâneos do município de Guarapari. Ademais, as vivências em campo promoveram o encantamento do grupo para com as geografias do Sistema-Terra e, posteriormente, foram sintetizadas e partilhadas dialogicamente, a partir da estruturação de cadernos turístico-educacionais. Considera-se que a práxis proposta foi enriquecedora para todos os agentes envolvidos, pois os facultou a novas práticas investigativas cotidianas e a educação dialógica, lhes sensibilizando para a constituição de outras espacialidades.

Palavras-chave: pesquisa de campo; litoral sul Capixaba; Cartografia; Residência Pedagógica; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The proposed investigation originated from the theoretical-practical interrelationships engendered during the Pedagogical Residency Program and was based on field research for the municipality of Guarapari-ES, south coast of Espírito Santo. This study aims, through field research, that the various social agents, students, teachers, pedagogues and residents, understand their realities, map landscapes, express feelings, become aware of the environment and exercise empathy and citizenship. In order to complete and justify this intention, we sought to strengthen practical-theoretical education and conduct the exercise of teaching in an active way, enabling praxis and critical reflection in the field in the training processes. Such investigation aims to overcome the adversities present in educational dialogic processes, notably the distance between curricular contents and the experiences of social agents. Methodologically, we used the cartographic method and studies in/from everyday life. As theoretical bases, environmental research and Freirean educational understandings were used in hybridity with student experiments. As a result of the in situ investigation, the awareness and spatio-temporal apprehension by students, teachers and coordinators about the coastal landscapes, places and territories of the municipality of Guarapari. Furthermore, the experiences in the field promoted the group's enchantment with the Earth-System geographies and, later, they were synthesized and shared dialogically, based on the structuring of tourist-educational notebooks. It is considered that the proposed praxis was enriching for all the agents involved, as it provided them with new daily investigative practices and dialogic education, sensitizing them to the constitution of other spatialities.

Keywords: field research; south coast of Espírito Santo; Cartography; Pedagogical Residency; Geography Teaching.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abarca, como temática principal, a possibilidade de inter-relacionar as espacialidades costeiras com os processos de ensino-aprendizagem em Geografia. Desta maneira, suscetibiliza-se novas perspectivas metodológicas no campo educacional acerca das potencialidades geográficas, históricas e culturais das paisagens litorâneas.

Esta pesquisa foi inspirada nas trajetórias pessoais e profissionais dos membros do grupo envolvidos no Programa Residência Pedagógica. De acordo com o Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2018, s.p.) este programa refere-se a:

Inicialmente, o Residência Pedagógica é vinculado à formação das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular. O programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

A partir disso, buscou-se desenvolver projetos que fortalecessem a educação prático-teórica e que conduzissem o exercício de professorar de forma ativa, viabilizando a práxis no processo formativo. Tal investigação almeja superar as adversidades presentes nos processos dialógicos educacionais, notadamente o distanciamento entre os conteúdos curriculares e as vivências e experiências dos agentes sociais. Empecilhos estes que dificultam os aprendizados discentes ao reforçarem a cisão teórico-prática dos saberes e constituem óbices ao efetivo exercício da docência. Destarte, engendrou-se, por meio de diálogos entre o currículo escolar, saberes estudantis e experiências de campo, a proposta pedagógica intitulada “Geografando o Litoral Sul Capixaba”, mote central das presentes discussões.

Neste contexto, delimitamos uma escola pública de ensino fundamental, localizada no município de Vitória - ES, como nosso campo de pesquisa. Ao pousar sobre o cotidiano escolar, ao senti-lo, ao habitá-lo, tornou-se possível conhecer a sua realidade e criar múltiplos territórios para desenvolver e acompanhar processos.

Os termos de Ferraço e Alves (2015, p. 308) reafirmam a territorialidade vivencial dos indivíduos ao enunciarem que, “precisamos considerar, então, que os sujeitos cotidianos, mais do que objetos de nossas análises são, de fato, também protagonistas, também autores coletivos de nossas pesquisas”. Logo, as participações do corpo estudantil dos 8º anos (A e B), da professora preceptora, da equipe pedagógica da escola e dos demais residentes foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Visando romper com as bases tradicionais do ensino de Geografia e em busca de uma educação crítica, diversa e libertária idealizou-se a execução de uma pesquisa de campo como ponto focal da proposta político-pedagógica desenvolvida (BARCHI, 2009). O local escolhido para a efetivação da práxis consiste na região litorânea sul-capixaba, sendo o município de Guarapari-ES o *locus* central da prática de pesquisa.

O processo investigativo foi, então, sendo construído a partir de leituras, encontros e narrativas dos diversos sujeitos da pesquisa. As experiências nos possibilitaram, através da pesquisa de campo, que os/as estudantes, professores, pedagogos e residentes leiam o mundo, cartografem paisagens, expressem sentimentos, vivam cooperativamente, percebam o outro, exerçam a cidadania e sensibilizem-se com a vida e com a natureza.

Os movimentos possibilitaram convergências entre o Programa Residência Pedagógica, a Universidade e os cotidianos escolares. Estas vivências nos ensinaram a pensar e problematizar as práticas pedagógicas inventivas, dialógicas, críticas, diversas e libertárias, para além dos contextos formativos nos/dos cotidianos escolares.

As percepções, conceitos e compreensões apresentadas neste trabalho estão embebidas em diversas matizes metodológicas, dentre as quais, destacamos: Passos, Kastrup e Escóssia (2015), os quais reafirmam os constantes diálogos entre sujeitos, objetos, teorias e práticas, a partir do método cartográfico; além de Ferraço e Alves (2015), autores que meditam acerca das possibilidades e potencialidades do desenrolar das redes experienciais tecidas pelos sujeitos.

Nossas inspirações teóricas se basearam nas ideias de: Reigota (1999), o qual traz diferentes leituras e interpretações para os problemas ambientais, bem como ressalta a importância social da educação ambiental; Freire (1996) que nos orientou analiticamente por todo o desenvolvimento investigativo, subsidiando profundas reflexões acerca dos processos de ensino-aprendizagem; Albino, Coelho, Girardi e Nascimento (2018) destacam inúmeras formações geográficas da zona litorânea sul capixaba, notadamente diversas feições fisiográficas que se apresentam na região de pesquisa, tais com dunas, praias, enseadas, manguezais, baías e estuários.

Ao longo da perquirição, as narrativas, aliadas a outras produções linguísticas e artísticas, facultaram reflexões e discussões vinculadas às experiências práticas dos processos educacionais. Nesta perspectiva, os/as estudantes, através de suas interpretações, impressões e emoções vivenciadas nos encontros pedagógicos, puderam potencializar a criação do projeto.

Destacamos que nossa proposta pedagógico-metodológica é somente uma dentre as múltiplas proposições alternativas e libertadoras possíveis de ensino-aprendizagem em Geografia. Nós, enquanto professores, estamos esperançosos em nossa tarefa de transformar realidades por meio da educação, reconhecendo que a efetivação desta prática-teórica se apresenta como, apenas, um dos primeiros passos na constante construção de saberes pedagógicos pertinentes ao trabalho do educador comprometido.

OS FAZERES EM CAMPO: MULTIPLICIDADES CRIATIVAS NAS ESPACIALIDADES APREENDIDAS NO LITORAL SUL CAPIXABA

Ler o mundo, cartografar paisagens, expressar sentimentos, viver cooperativamente, perceber o outro, exercer a cidadania e sensibilizar-se com a vida e com a natureza são algumas das impressões que emergem do encontro escola-campo. Desta convergência insurgem as (geo)grafias inventivas que nos agenciam enquanto parte-substância da constituição dos territórios vividos e experienciados.

Trajetórias geográficas e apreensões paisagísticas

28 de junho de 2019, sexta-feira, 7 horas da manhã; inicia-se o estudo no/do meio. Os primeiros momentos são marcados por movimentos, fluxos, rasuras e diálogos que constituem cenas geográficas. O ônibus aguarda, ao passo que os/as 32 estudantes dos oitavos anos, residentes pedagógicos, professores e pedagogos reúnem-se, discutem os pontos de estudo, preparam os lanches e anseiam expectativas para a ocorrência da pesquisa de campo, referente ao projeto “Geografando o Litoral Sul Capixaba”. Lugares geográficos são continuamente propostos.

Após alguns minutos de atraso, devido a intercorrências compreensíveis, partimos rumo ao litoral sul do Espírito Santo, mais especificamente, à região costeira do município de Guarapari. Na área de estudo, almejamos melhor compreender geograficamente as feições, dinâmicas e processos costeiros; constituir paisagens-lugares e pesquisar *in situ* a partir dos saberes-fazer¹ dos cotidianos escolares. Buscamos traduzir, representar, e, ainda, cartografar.

O estudo do meio procede-se mediante a paradas e aprendizados *in loco* em diferentes praias do município de Guarapari-ES. Desta forma, anela-se sensibilizar os/as estudantes das múltiplas possibilidades ensejadas pela compreensão de paisagens e territórios costeiros. As pausas previstas para o trabalho de campo ocorreram nas seguintes praias do município de Guarapari-ES, respectivamente: Praia de Setiba, Praia do Morro, Praia da Areia Preta, Praia das Castanheiras e Praia de Meaípe. No decorrer do trajeto, paradas rápidas e não planejadas previamente foram realizadas na Praia da Bacutia e na Praia de Peracanga (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização das praias visitadas



Fonte: organizado por Zandonadi e Melo (2022).

1 - Escrita conjunta inspirada em Alves (2003), a qual se refere ao anseio de suplantação dos signos tipicamente associados ao modelo hegemônico da ciência moderna. Tal terminologia almeja desvelar a dicotomização do saber, comumente presente no referido contexto paradigmático.

Dentro do ônibus, pudemos tatear e partilhar as diferentes geografias e cartografias estudantis, percebendo a boniteza, que expressava Freire (1996), nos olhares vívidos e atentos e nas enunciações enfáticas, curiosas e sapientes por parte de cada estudante. Cada indivíduo carrega em si seu arcabouço de saberes e práticas, as quais fertilizam a dialogicidade do momento ao compartilharem experiências pretéritas. Nos termos de um estudante (Estudante 1): “será muito legal poder conhecer melhor as praias do nosso estado, pois, mesmo morando no litoral, acho que não conhecemos muito bem a região costeira”. Um verdadeiro cartógrafo-pesquisador.

A trajetória de pesquisa é compreendida como alicerce para a pragmática dos saberes-fazer, o indivíduo é parte consonante do método, se lida aqui com representações de mundo e multiplicidades de paisagens vividas. “O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. No entanto, ele nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos” (COSTA, 2014, p. 67).

No decorrer do itinerante, os residentes pedagógicos e professores comentavam acerca dos elementos e processos observados, instigando a curiosidade discente e adotando um posicionamento crítico e reflexivo para com tais paisagens geográficas. Nessa dialética, os/as estudantes que, em boa parte, não conheciam pessoalmente nenhum município para além de Vitória, se demonstravam vislumbrados, sábios e conhecedores de uma espacialidade representacional muito vasta destas cidades ainda não exploradas. Nas palavras de um estudante-geógrafo (Estudante 2): “antes de realizar o campo, pesquisei no computador e descobri que Vila Velha e Guarapari têm muitas praias, rios, canais, pontes e prédios. São cidades que parecem um pouco com Vitória”.

O movimento do ônibus expressa a sintonia da geografia, estudantes e professores tornam-se indivíduos a curiosear as dinâmicas espaciais e a apreciar a visualidade do mundo. Comentários como: “nunca havia visto a Baía de Vitória dessa maneira” (Estudante 3), “os prédios de Vila Velha são muito altos” (Estudante 4) e “como as cidades são poluídas” (Estudante 5) exemplificam bem a diversidade de significados apreendidos durante o trajeto. As reflexões emergem vividamente.

Ainda em Vitória, foram observados diversos equipamentos urbanos da capital, fluxos socioeconômicos que permeiam a cidade e morfologias físico-naturais do sítio. Muitos estudantes não conheciam o próprio trajeto da escola à Terceira Ponte, principal interconexão da malha viária entre os municípios de Vitória e Vila Velha. O ineditismo das paisagens pôde ser sentido calorosamente por eles.

Passível de destaque vale mencionar o decurso na Terceira Ponte. Simbolicamente um marco para o estado do Espírito Santo, geograficamente uma miríade de paisagens espaciais, o vislumbre salientava-se. Mais de trinta geógrafos estavam a postos, e urgiam comentários: “como são bonitos esses morros” (Estudante 6), “vejam o Convento da Penha” (Estudante 7), “a Terceira Ponte é a divisão entre Vitória e Vila Velha” (Estudante 8), “estou vendo uma paisagem única” (Estudante 9).

Grande parte do itinerário perfaz-se no entre de Vila Velha à Guarapari, as morfologias se alteram e as linguagens geográficas, visual e verbal também. São propostos diferentes “quadros geográficos” (GOMES, 2017, p. 43) na interseção entre o eu e as representações do mundo; são formadas geografias perceptivas. O gradiente morfoespacial centro-periferia dos equipamentos urbanos e as modificações no relevo foram alguns dos elementos notados pelos estudantes durante a rota.

As paisagens territorializam espaços no interior do urbano e evidenciam relações de poder. Edifícios verticalizados nas orlas da Praia da Costa, Itapuã e Itaparica; grandes shoppings centers e construção de estradas e rodovias são exemplos dos múltiplos significados apreendidos,

refletidos, representados e criticados pelos estudantes no decurso. Uma estudante (Estudante 10), em especial, compartilhou conosco parte de suas representações espaciais: “A cidade é um ambiente muito interessante, mas também muito desigual. Vemos as grandes construções convivendo com as pequenas, ricos com pobres e bastante preconceito”.

Do caminho intermunicipal percorrido, parte significativa apresenta-nos bairros isolados da mancha urbana central de Vila Velha e grandes modificações geológicas e geomorfológicas paisagísticas. Passamos às margens de bairros interessantíssimos, como Barra do Jucu, Ponta da Fruta e Interlagos, os quais acompanhavam o traçado do relevo. Os domínios morfoestruturais do trajeto consistem em depósitos sedimentares e áreas de acumulação fluvial, onde subsiste a sucessão de planícies costeiras quaternárias e tabuleiros costeiros do Grupo Barreiras (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2012) (COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS, 2015).

Após cerca de 40 minutos, aguardamos o semáforo vermelho do retorno para a entrada à Setiba, a primeira praia a ser visitada. Tomando por base nossa elevada ansiedade e a fluída dialogicidade entre os atores sociais, nos munimos de cadernos, canetas, lápis, bonés, máquinas fotográficas e, é claro, os protetores solares (o sol apresentava-se intenso) e nos preparamos para a parada inicial. Lá fomos para a empreitada.

Praia de Setiba, Guarapari-ES: um lugar peculiar

A chegada à Praia de Setiba foi permeada por sensações de alívio, curiosidade e vontade, por parte de todos os que lá estavam. Os/as estudantes, notadamente, assumiram-se como estudantes-geógrafos e apresentavam-se alertas em seus raciocínios espaciais e investigativos. A primeira pausa foi o despertar efetivo da pesquisa de campo.

A Praia de Setiba era então esquadrinhada por sujeitos diversos, com arcabouços relacionais individuais e sociais diferenciados e competências variadas em seus processos de apreensão paisagística. A relação sujeito-objeto era então cartografada e geografada a partir de lugares perceptivos que não isolavam conjuntos estanques de morfologias e processos espaciais; os saberes pretéritos dos/das estudantes embasavam suas fundamentações futuras. Kastrup e Passos (2013, p. 264) bem resumem o espírito da compreensão aqui proposta:

O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo.

A praia visitada evidenciava um litoral recortado com presença de arcos praias descontínuos entremeados por promontórios cristalinos pré-cambrianos. Ainda, observou-se a disposição de baixios e enseadas, feições que estabeleciam, em geral, a dinâmica relativamente tranquila e bastante propícia a balneabilidade da Praia de Setiba (ALBINO *et al.*, 2018).

Vale mencionar a observação de afloramentos rochosos litorâneos e a visualização de um tómbolo, feição até então desconhecida por todos os/as estudantes. Concernente aos afloramentos, os/as estudantes puderam explorar o local, instigando-se com a variedade de minerais e rochas, refrescando-se com a brisa marinha e maravilhando-se com as paisagens costeiras. Um jovem estudante-explorador (Estudante 11) comentou: “como é bonito este lugar! Gosto muito de praia”.

A seguir, conversamos todos acerca do tómbolo. A feição não representa uma morfologia rara em nossos litorais, mas pode exigir olhares atentos para ser percebida. Segundo Muehe (1995, p. 255) um tómbolo pode ser definido como “depósito arenoso em forma de banco ou

cordão, construído em decorrência de refração e difração das ondas em torno de uma ilha que assim fica ligada ao continente”. Foi bastante interessante perceber os/as estudantes-navegadores navegarem em suas hipóteses para a ocorrência da forma observada e dissertarem suas reflexões acerca dessa morfologia. Nas palavras de uma estudante-geomorfóloga (Estudante 12): “o tómbolo é bem curioso, ele faz uma ilha deixar de ser ilha”.

Após momentos de maior dialogicidade e observação focal das morfologias costeiras, os/as estudantes tiveram um tempo para observar à deriva a própria paisagem e constituírem seus lugares individuais. Em posse de nossas anotações, vivências, reflexões e aprendizados, nos despedimos de Setiba, entramos no ônibus e partimos rumo à próxima praia. Em sintonia com o que foi experienciado, um comentário de um sábio estudante (Estudante 13) resume nosso sentimento acerca do local: “a Praia de Setiba é realmente um lugar peculiar”.

Praia do Morro, Guarapari-ES: um ambiente diverso

Alguns quilômetros à frente e estávamos diante de uma nova praia, a Praia do Morro. Localizada no bairro homônimo, um dos mais populosos do município de Guarapari, esta praia é notável pela grande extensão e volume de seu arco praial, um dos maiores do litoral sul capixaba. Os/as estudantes encontravam-se encantados com a dimensão daquele local.

Não apenas a praia, mas tudo era diferente de Setiba e lhes remetia a signos patentes de regiões costeiras urbanizadas, a exemplo dos edifícios verticalizados, das movimentadas avenidas e do grande fluxo de pessoas. A orla apresentava uma infraestrutura urbana muito superior se comparada a da Praia de Setiba, com presença de largo calçadão, conservada ciclovia e diversos estabelecimentos comerciais. Os/as estudantes aproveitaram o ensejo para comparar e meditar acerca das morfologias que estavam sendo tateadas.

A Praia do Morro pôde então ser escrutinada por estudantes-geógrafos ávidos pelo saber e motivados por suas curiosidades individuais, os quais elaboraram e compartilharam suas mais diversas representações acerca do ambiente estudado. A poética de uma jovem estudante (Estudante 14) resume bem os sentimentos que emergiram no local: “a Praia do Morro me faz sentir o movimento da vida”.

Em termos socioespaciais, o bairro da Praia do Morro constitui-se como importante marco da urbanização do município de Guarapari, principalmente a partir de meados dos anos de 1990, consolidando a produção imobiliária local de grandes edifícios verticalizados. Este bairro, onde se localiza a tão famosa praia, é um dos mais relevantes polos atrativos do turismo meridional do Espírito Santo, o qual concentra grandes aglomerados populacionais, principalmente, em períodos de veraneio (BOUDOU, 2017).

Tomando por base as representações “duras”, “modernas” e ortodoxas, oriundas do meio científico, do que seja a Praia do Morro e associando-as às considerações e experiências estudantis, pudemos promover um frutífero momento de aprendizado. As reflexões dos/das estudantes foram impressionantes, demonstrando bastante acurácia na inter-relação entre seus saberes cotidianos e as novas representações de mundo apreendidas. Em defesa de uma epistemologia do cotidiano, vale sempre rememorar dizeres de Nilda Alves (2003, p. 2) acerca dessa compreensão contextual:

Em primeiro lugar, entendemos que, ao contrário do que se dá com o modo de criar conhecimentos nas ciências surgidas na Modernidade, essas maneiras incluem de modo inseparável, o fazerpensar, tanto como a práticateoriaprática, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir [...].

Desse modo, sentimos fortes emoções individuais e coletivas que afloravam no vivenciar do momento. Nas escutas sensíveis às percepções estudantis, uma estudante comentou (Estudante

15): “a Praia do Morro me lembra da Praia de Camburi”, outro estudante (Estudante 16) por sua vez, geografo: “observo um espaço diferente aqui, tudo tem outra ordenação”. Vale destacar, também, o encantamento perceptível dos residentes pedagógicos e da Professora Luciane, a qual muito bem expressou: “esse lugar é lindo, os estudantes estão gostando bastante e têm muito a aprender”.

Assim, fundamentando-nos nas paisagens vividas e lugares experienciados, partimos rumo à extremidade setentrional da Praia do Morro, onde realizamos uma parada adicional e muito proveitosa, a visita ao Parque Natural Municipal Morro da Pescaria. Este itinerário consistia na investigação das nuances naturais locais, a partir da feitoria da trilha guiada através dos geoambientes associados ao Morro da Pescaria.

A trilha foi encantadora e pôde evidenciar a todos os presentes as maravilhas da natureza, demonstrando como tudo está interconectado, sensibilizando-nos da nossa importância enquanto agentes socioambientais e nos desvelando novos saberes. Sob uma postura geográfica, os/as estudantes escrutinaram e cartografaram o local, apreendendo tudo que conseguiam e elaborando suas representações de mundo e suas paisagens-lugares. Como bem resumem os significados do cartografar que acreditamos, Kastrup e Passos (2013, p. 266) atestam que:

Se vamos cartografar um território, temos de apreender uma dimensão que vai além do reconhecimento de formas, mas remete aos vetores transversais que lhe dão consistência, ou seja, atmosferas, ritmos, velocidades e intensidades que configuram a dinâmica das formas.

A trajetória percorrida por nós foi profundamente geográfica, representando novos saberes a cada instante perpassado, a cada forma tateada e a cada escuta compartilhada. Como destaque neste estudo do meio, pode-se ressaltar a pausa no mirante do parque. Neste ponto, o guia nos explanou acerca da importância da conservação sustentável, mais especificamente dos ecossistemas costeiros e da Mata Atlântica, além de elucidar sobre as transformações socioambientais ocorrentes no município de Guarapari. Por fim, observamos a linda vista do mirante e sentimos a brisa marinha. Nos dizeres de um estudante-geógrafo (Estudante 17): “esta é a paisagem mais linda que já vi”.

Nos trechos finais da trilha percorrida, deparamo-nos com uma bela praia pouco frequentada e relativamente preservada. Esta praia margeava o maciço do Morro da Pescaria e orientava nosso percurso, compondo uma paisagem bastante peculiar. O sistema praiial apresentava larga extensão, areias com grande presença de bioclastos, diversos afloramentos rochosos em suas margens e rica biodiversidade florística e faunística. Os/as estudantes estavam curiosos como verdadeiros cartógrafos e a pedagoga e a professora bastante satisfeitas com o andamento do estudo do meio (Figura 2). Nas palavras da Pedagoga Maria Carolina: “a pesquisa de campo está sendo ótima, os estudantes estão se divertindo enquanto aprendem”.

Por fim, nos despedimos dos funcionários que nos acompanharam e entramos no ônibus rumo ao restaurante, a fim de almoçarmos e, posteriormente, partimos para o Centro de Guarapari, onde visitaríamos outras praias. Como bem resumiu um grupo estudantil, neste momento: “fizemos muitas atividades e vimos muitas paisagens nesta parada. A Praia do Morro é realmente um ambiente diverso”.

Figura 2 - Estudantes cartografando paisagens na trilha do Morro da Pescaria, Guarapari, ES



Fonte: acervo dos autores.

Entrepasto para o almoço

Após uma manhã de muitas vivências e experiências produtivas, realizamos nossa tão aguardada pausa para o almoço no restaurante Pilão, localizado na Avenida Praiana, bairro da Praia do Morro. Este momento foi fundamental para descansarmos um pouco e compartilharmos nossos aprendizados e representações de mundo. As palavras de um estudante (Estudante 18) resumem bem as sensações dos que lá estavam: “a comida está ótima, mas estou ansioso pelas praias que ainda visitaremos”.

Praia da Areia Preta, Guarapari-ES: uma paisagem diferente

Em seguida ao interlúdio para as refeições, chegamos ao bairro do Centro de Guarapari e aportamos na Praia da Areia Preta. Esta praia localiza-se à frente de uma zona permeada por edifícios verticalizados, os quais abrigam uma larga praça ao centro. Neste equipamento urbano, residem as ruínas do Radium Hotel, outrora referência na hotelaria municipal, além sediar a tradicional feira de artesanatos da região.

Em linhas gerais, Guarapari tornou-se conhecida nacional e internacionalmente, graças à constituição socioespacial da vilegiatura urbana, referenciada, para o caso em questão, como a “cidade-turística”. O referido processo de turistificação foi desencadeado a partir do bairro do Centro de Guarapari. A paisagem municipal diferenciada almeja representar e divulgar, para os que visitam a cidade, a sensação de tranquilidade, curtirão do lazer e proveito da natureza exuberante como significantes do bem-estar social (JUNIOR e JUNGER, 2009) (BOUDOU, 2017).

Ademais, o significado sociopolítico e econômico adquirido pelas pretensas “areias medicinais” e pelas comunidades de pescadores e artesãos impulsionaram o desenvolvimento urbanístico e turístico regional. Parte significativa desse fenômeno de constituição socioespacial

municipal e da urbanização da região central da cidade emerge com a apreensão e a apropriação sociopolítica da Praia da Areia Preta (ETCHEBÉHÈRE JUNIOR; JUNGER, 2009); (BOUDOU, 2017).

Na orla urbanizada da praia em questão, realizamos uma pausa próxima aos quiosques e ao letreiro da cidade, com vistas a discutir coletivamente as interferências antrópicas no meio físico-natural. A Praia da Areia Preta exemplificou-nos de modo bastante patente esta situação, ao retratar um sistema praiial em erosão, o qual, nas últimas décadas, impactou os equipamentos urbanos adjacentes à orla.

Em parte, este processo erosivo foi intensificado com a exploração das areias monazíticas da região por empresas como MIBRA - Monazita e Ilmenita do Brasil e NUCLEMON - Nuclebrás Monazita, até meados da década de 1980, fato que, por outro lado, engatilhou a urbanização do município (MELO e MACHADO FILHO, 2019). Como bem alertou-nos uma estudante (Estudante 19): “devemos nos conscientizar das consequências de nossos atos”.

Para finalizarmos este ponto, pesquisamos na prática os minerais componentes da popular areia escura desta praia, discutindo coletivamente acerca da exuberância da natureza. Os/as estudantes puderam tatear os grãos minerais, percebendo suas diferentes colorações, texturas e tamanhos, propriedades associadas às características específicas de cada mineral (Figura 3). Assim, os/as estudantes fizeram observações importantes acerca de três dos principais minerais do depósito sedimentar: o quartzo, a magnetita e a monazita. Nas palavras dos/das estudantes (Estudantes 20 e 21): “o quartzo tem uma cor bem clara e tem muitos grãos”, “a magnetita é bastante curiosa, pois ela parece um imã”; “a monazita é o mais bonito dos minerais, ela tem uma cor bem forte”.

Figura 3 - Análise mineralógica das areias monazíticas da Praia da Areia Preta, Guarapari, ES



Fonte: acervo dos autores.

Desse modo, finalizamos nossa parada na Praia da Areia Preta e rumamos à praia vizinha, a notável Praia das Castanheiras. Com toda a certeza, o conhecimento das areias negras de Guarapari instigou bastante à curiosidade discente e promoveu uma verdadeira cartografia de campo. Bem resumindo as percepções estudiantis acerca da praia em questão, fica aqui uma relevante frase de um estudante (Estudante 22) escutada por nós na chegada a esta parada: “a praia da Areia Preta tem uma paisagem diferente”.

Praia das Castanheiras, Guarapari-ES: o espaço onde tudo acontece

Partindo da Praia da Areia Preta, após caminhada de poucos minutos, chegamos à Praia das Castanheiras. Localizada no âmago do bairro Centro de Guarapari, esta praia, apesar de não tão extensa, reúne em suas imediações os principais fluxos socioeconômicos da região. Como muito bem comentaram a Professora Luciane e a Pedagoga Maria Carolina: “a Praia das Castanheiras fica muito cheia no período de férias”.

Este sistema praias reside exatamente à frente dos mais altos edifícios do bairro, margeado por uma das principais orlas da cidade. O calçadão apresenta-se relativamente bem infraestruturado, com presença de quiosques, bancos, banheiros, iluminação noturna e praças em suas extremidades. Além disso, a orla polariza fluxos populacionais locais com a movimentação de vendedores ambulantes, população em situação de rua, grupos de jovens, famílias, idosos, esportistas e, especialmente, turistas (BOUDOU, 2017). Como atestou-nos um jovem estudante (Estudante 23): “parece uma versão reduzida do calçadão da Praia de Camburi”.

Em nossa pausa-movimento, percorremos boa parte da orla da Praia das Castanheiras, constituindo novas cartografias e territorializações, a partir das diversas paisagens representadas. Nossa sensibilidade cartográfica pode ser bem resumida nos termos de Barros e Kastrup (2015, p. 61) ao considerarem que “como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos”.

Expericiamos coletivamente o vivenciar na Praia das Castanheiras, discutimos horizontalmente os saberes apreendidos e colocamo-nos, cada qual, em posição de humildade epistemológica para com o outro. Nas reminiscências de Freire (1996, p. 25), o autor nos ensina que: “o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Realizamos uma pausa prolongada ao centro da orla da Praia das Castanheiras, a fim de discutirmos as paisagens acerca das morfologias e fenômenos percebidos. Debates sobre a formação rochosa peculiar e característica desta praia, o “extenso afloramento de arenito, com acamamento bem evidente, que representa antiga praia petrificada” (PONTINI et al, 2016, p. 5095), conhecido como “*beach rock*”. Os/as estudantes se impressionaram com tal morfologia, algo inédito para todos. Nos informes de uma estudante-geógrafa (Estudante 24): “essas rochas têm muitos buracos que foram feitos pelo mar”.

Terminando nossa parada pela Praia das Castanheiras, experienciamos as curiosas paisagens locais, bebendo água mineral e observando os diferentes atores e grupos sociais agirem em seus fluxos socioespaciais. Notou-se como a urbanização acelerada, principalmente a partir de meados dos anos de 1980, imprimiu a este arco praias relativamente estreito e pedregoso um status social que valorizou espacialmente este território, tornando-o o principal polo atrativo da região.

Findando-se nossa parada, retornamos ao ônibus rumo à Praia de Meaípe. A Professora Luciane, a Pedagoga Maria Carolina e os residentes pedagógicos estavam excitados com as

paisagens visitadas e com a animação estudantil. Nesta riqueza criativa do momento, ficam aqui os atentos dizeres de um dos estudantes (Estudante 25): “a Praia das Castanheiras é o espaço onde tudo acontece”.

Praia de Meaípe, Guarapari-ES: o território múltiplo

Como último ponto planejado a ser visitado durante a pesquisa de campo, a chegada à Praia de Meaípe era aguardada com bastante expectativa por todos. Ainda dentro do ônibus, adentramos à via não asfaltada, pouco movimentada e pacata que margeia o depósito sedimentar praial. Os olhares dos/das estudantes ansiavam por desembarcar no local.

Diferentemente da agitação e do grande fluxo de pessoas presente na Praia das Castanheiras e na Praia da Areia Preta, visitadas na região central de Guarapari, a Praia de Meaípe, situada no bairro homônimo, se demonstrava bastante tranquila em suas imediações. Por outro lado, em consonância com as últimas paradas, a região mais meridional visitada urbanizou-se à custa do turismo e da divulgação das “areias medicinais”.

Esse processo de urbanização associou-se, em Meaípe, com as mais tradicionais comunidades pesqueiras do município de Guarapari, tornando o bairro, anteriormente marcado pela pesca artesanal, um polo gastronômico de frutos do mar. Desse modo, ladeando a praia instalaram-se, nas últimas décadas, grandes restaurantes de mariscos que convivem com outros estabelecimentos já tradicionais (BOUDOU, 2017).

O setor turístico como um todo se fortaleceu, intensificando a ocupação próximo a orla do sistema praial com residências de classe média, hotéis e pousadas, além de casas noturnas. Assim, consolidou-se a imagem bucólica de uma praia que, em outros tempos, já foi considerada por muitos a melhor praia do estado. Nas palavras de uma perspicaz residente pedagógica: “a Praia de Meaípe passou por grande transformação de seu significado social nas últimas décadas”.

Devido à urbanização desenfreada e a ocupação litorânea das áreas de estoque sedimentar, o bairro vem sofrendo com a ação erosiva marinha. Neste contexto, os/as estudantes puderam perceber de modo patente a dinâmica sociedade-natureza e se conscientizarem do impacto das ações antrópicas nos meios físico-naturais. Como disse um estudante (Estudante 26): “a sociedade precisa urgentemente rever o seu processo de ocupação das áreas costeiras”.

Característica marcante também foi a presença abundante de areias pretas, as conhecidas “areias terapêuticas”, no sistema praial de Meaípe. A coloração escura dessas areias se deve a profusão de minerais negros, notadamente ilmenita e magnetita, associados a outros minerais pesados, a exemplo de zircão, rutilo e monazita. Este mineral conhecido por sua radioatividade natural a que se atribui às pretensas propriedades medicinais (NASCIMENTO JÚNIOR, AGUIAR e GIANNINI, 2011).

Os/as estudantes desfrutaram das condições únicas da região para discutirem em grupos, registrarem fotografias, elaborarem hipóteses e investigarem o mundo ao seu redor. Frases como “e isso aqui?”, “é o que a gente estudou na sala?”, “nem imaginava a existência dessas coisas tão perto da gente”, foram bastante escutadas por nós enquanto apreendíamos paisagens e elaborávamos novos lugares. Como alicerce para nossas concepções educacionais, vale sempre ressaltar as palavras de Freire (1996, p. 33):

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Por fim, carregando conosco incontáveis experiências e diversas representações de mundo, retornamos ao ônibus imaginando partir diretamente rumo à Vitória. Todavia, aproveitamos o caminho e, nesse ensejo, realizamos mais uma parada rápida, não planejada anteriormente, em duas praias fronteiriças entre si, a Praia da Bacutia e a Praia de Peracanga. Os termos de um residente pedagógico destacam bem as diversas paisagens tateadas no bairro de Meáipe: “a Praia de Meáipe é verdadeiramente um território múltiplo”.

Praia da Bacutia e Praia de Peracanga, Guarapari-ES: uma região única

Ao rumarmos a norte em direção a capital estadual, perpassamos pelo bairro da Enseada Azul, quando, em boa oportunidade, a Professora Luciane e a Pedagoga Maria Carolina solicitaram ao motorista que fizéssemos uma parada extra na região limítrofe entre a Praia da Bacutia e a Praia de Peracanga. Os/as estudantes adoraram e pudemos conhecer mais duas praias.

Ambas as praias apresentam características socioespaciais relativamente comuns entre si, constituindo o âmago do corredor litorâneo que se denomina, homonimamente ao bairro, a Enseada Azul. A urbanização local se deu notadamente a partir dos anos 2000, sendo a mais recente dentre os bairros visitados. Tal desenvolvimento urbano apresentou como especificidade a presença de condomínios horizontais de classe média alta, os quais são normalmente resididos em períodos de vilegiatura por moradores da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) (BOUDOU, 2017). Desde a nossa chegada, os/as estudantes já percebiam as particularidades destas praias. Nos termos de uma jovem estudante (Estudante 27):

Essas praias são muito diferentes das praias que eu conheço em Vitória. Por aqui, parece que tudo é bem conservado. Consigo ver bastante mata preservada ao redor de um largo calçadão, além de muitas lixeiras, escadas, acessos, placas e praças. As praias parecem ter a água limpa, uma areia clara e poucas ondas. É bem estranho isso para mim.

Destarte, o perfil da orla litorânea era outro, bastante elitizado e aparentemente desvinculado da agitação e constante fluxo de pessoas de outras regiões anteriormente visitadas. As praias localizavam-se à frente de edifícios e condomínios pomposos, com pequena presença de estabelecimentos comerciais, ausência de setor terciário informal e presença regular de policiamento. O calçadão dispunha de ótimas condições infraestruturais, presença de lixeiras, diversos acessos ao cordão arenoso e a vegetação de restinga encontrava-se cercada e bastante preservada, inclusive ladeada por placas de orientações aos transeuntes. Nas palavras de um estudante-pesquisador (Estudante 28): “esta praia não é para todos”.

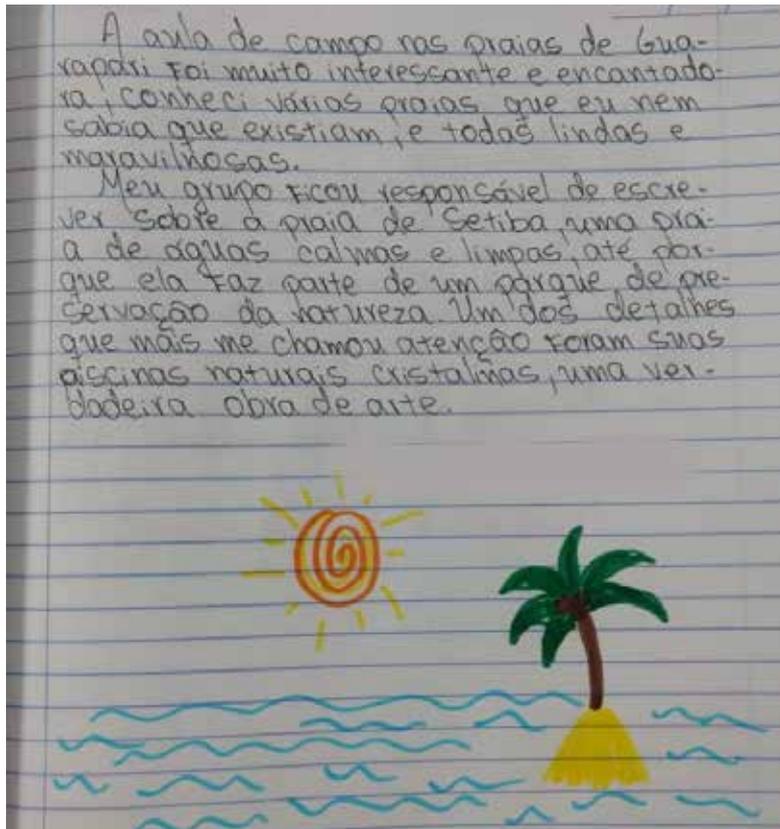
Nestes pontos, pudemos perceber como as diferentes apropriações e valorizações socioespaciais de um terreno podem influir na constituição de seus territórios e paisagens. Discutimos sobre que agentes sociais interferiram na constituição daquele espaço geográfico e quais as suas semelhanças e diferenças em relação aos espaços de vivência estudantil. Foi uma experiência mágica para todos os presentes.

Os/as estudantes tiveram um merecido tempo para apreciar a paisagem, caminhar no calçadão e debater entre si enquanto se tranquilizavam da ansiedade vivenciada durante toda a pesquisa de campo. Após boa hidratação e um momento coletivo recheado de conversas e fotografias, entramos no ônibus e, desta vez sim, em retorno à escola. Não poderia ser mais feliz a escolha por finalizar o campo com a parada nestas duas belíssimas praias. Nos dizeres de um estudante (Estudante 29): “visitar a praia da Bacutia e a praia de Peracanga me acalmou bastante. Aqui realmente é uma região única”.

O retorno das experiências

Posterior ao estudo em campo, o momento no ônibus de retorno à escola foi bastante enriquecedor. Os/as estudantes estavam bastante satisfeitos e impressionados com o que tinham visto, sentido, cheirado, ouvido e tateado do mundo. Havia elaborado novas paisagens que estavam sendo continuamente compartilhadas entre os colegas de classe (Figura 4). Dizeres como: “este estudo do meio foi incrível” e “foi a melhor pesquisa de campo que eu já realizei” foram enunciados pelo grupo estudantil.

Figura 4 – Relato de experiência discente durante pesquisa de campo



Fonte: acervo dos autores.

O contentamento da Professora Luciane, da Pedagoga Maria Carolina e dos residentes pedagógicos também era explícito. Todos os presentes haviam se transformado com a experiência de se apreender geograficamente paisagens litorâneas do município de Guarapari e perceber a riqueza que o planeta Terra pode nos presentear neste pequeno e próximo recorte espacial investigado.

Vale ressaltar que, como frequentemente ocorre em diversos estudos do meio ou pesquisas empíricas, a efetivação prática da perquirição deve transpor as adversidades presentes em seu decurso. Pode-se mencionar o breve atraso do ônibus em seu itinerário até a escola, absentismo de pequena parcela discente, tráfego lento nas regiões centrais do município estudado e condições atmosféricas nubladas para a visita à última praia. Apesar de tais dificuldades, perpassamos cooperativamente em conjunto e consubstanciamos momentos de maravilhamento que estruturaram a presente investigação.

Como bem relembra a obra literária do Pequeno Príncipe: “[...] e lançou um olhar, em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 56). Esperamos que o estudo do meio tenha estimulado a todos uma visão mais encantadora,

inventiva, criativa e crítica das múltiplas paisagens, lugares e territórios que o mundo pode nos propiciar. Temos certeza de que a geografia adquiriu novos significados para cada estudante.

As sábias palavras de um estudante (Estudante 30), vislumbrado com as experiências vivenciadas, resumem bem o sentido do estudo do meio:

Essa pesquisa de campo foi a melhor viagem que eu já fiz. Passear e estudar ao mesmo tempo com meus amigos e com os professores foi muito legal, pois conseguimos aprender várias coisas. É bastante divertido explorar o mundo, fazer trilhas, visitar praias, almoçar no restaurante, fazer lanches compartilhados e conversar com os colegas. Com certeza, pude conhecer muito mais da minha realidade. A matéria de geografia se tornou muito mais encantadora na prática.

A composição discente

Posteriormente a pesquisa de campo, os/as estudantes, sob orientação de residentes e professores, se organizaram em dois grupos para a realização de atividades acerca do estudo do meio. As equipes sintetizaram vivências, experiências e poéticas de campo e as inter-relacionaram com seus saberes de vida e conteúdos estudados no ambiente escolar. Após as reflexões coletivas, cada formação concebeu um caderno turístico-educacional (Figura 5).

Figura 5 – Mosaico produzido pelos estudantes do 8º ano para o caderno turístico-educativo.



Fonte: acervo dos autores.

O produto estudantil se apresenta como basilar para os processos de ensino-aprendizagem ao possibilitar a horizontalização do saber entre cada agente envolvido em sua materialização. Ademais, a confecção do caderno reafirma, em consonância com Freire (1996), a autorrepresentação, posicionalidade e autonomia dos entes no mundo e para o mundo.

Por fim, destaca-se que a composição se efetuou a partir da interdisciplinaridade entre as disciplinas de Geografia, Língua Portuguesa e Artes, a fim de potencializar as habilidades artísticas, sensoriais, reflexivas e expressivas dos estudantes. Deve-se ressaltar que a interdisciplinaridade se apresenta como epistemologia basal por grande parte dos paradigmas científicos contemporâneos, possibilita o desvelo para com os processos educacionais e evidencia a perspectiva ontológica sistêmica de apreensão do mundo (COIMBRA, 2000) (POMBO, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das considerações experienciadas e apreendidas no decorrer do processo investigativo, considera-se que o ato de aprender e ensinar Geografia nos cotidianos narrados e vivenciados foi suficiente para molhar, como uma onda, o pensamento estudantil. Em nossa proposta, desejamos que cada grão de areia, tateado em cada praia do litoral sul capixaba, desperte nos cotidianos dos/das estudantes-geógrafos uma chama para a busca do saber.

A pesquisa de campo consubstanciou-se como dinâmica basilar ao compartilhamento de saberes. Os territórios cartografados não representaram apenas o terreno da cotidianidade, todavia inter-relacionavam-se com os agenciamentos e com a constituição de profusas subjetividades. As cartografias de vida preenchiam e enriqueciam os interstícios da prática, a partir do fluxo horizontal de partilhas.

Ademais, a pesquisa de campo evidenciou-nos a importância do estabelecimento de relações sadias, honestas e empáticas no bojo dos processos de ensino-aprendizagem. Salienta-se que práticas aparentemente simples podem assumir valores semânticos destacáveis nos percursos formativos dos/das estudantes, porquanto cada empiria apresenta-se e é representada por um determinado modo de ser e estar no mundo.

Para cada residente-geógrafo, as (geo)grafias vividas e humanizadas no experienciar em campo galgaram etapas de aprendizados fulcrais em suas respectivas formações pessoais e profissionais. A prática geográfica reafirmou-se no contato com o meio e exerceu-se enquanto simulacro escalar das ocupações futuras. Os toques, cheiros, escutas, gostos, visões, sentimentos, reflexões, conselhos e questionamentos discentes evocavam a dialogicidade com que se constrói o saber geográfico no ambiente escolar, engendramento que reafirma nossa postura geográfica para com o mundo.

(In)concluímos este projeto satisfeitos com o trabalho desenvolvido, almejando, sempre, uma educação crítica, libertadora e diversa. Assim, encontramos-nos esperançosos em nossa tarefa de transformar realidades por meio da educação, reconhecendo os saberes estudantis e suas experiências correlatas como basilares para a materialização de um ensino mais justo, horizontal e democrático.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Jacqueline *et al.* Espírito Santo. In: MUEHE, Dieter (org.). **Panorama da erosão costeira no Brasil**. Brasília, DF: Ministério de Meio Ambiente, 2018. p. 433-476.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan./dez. 2003.

BARCHI, Rodrigo. Uma Educação Ambiental Libertária. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, ano 2009, v. 22, p. 69-85, 8 set. 2009.

BARROS, Laura Ponazza; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BOUDOU, Christian Jean-Marie. **Da “cidade-saúde” à “cidade-turismo”**: a invenção da praia turística de Guarapari (ES) - uma Geografia Histórica dos usos do litoral. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre a Interdisciplinaridade. *In*: PHILIPPI JUNIOR, Arlindo *et al.* **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. p. 52-70.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS - CPRM/SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geologia e Recursos Minerais do Estado do Espírito Santo**: texto explicativo dos mapas geológicos e de recursos minerais. Belo Horizonte: CPRM, 2015.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

ETCHEBÉHÈRE JUNIOR, Lincoln; JUNGER, Alex Paubel. O lado turístico de Guarapari: tradições e cultura. **Pesquisa em debate**, São Paulo, ed. especial, p. 1-16, 2009.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Revista Espaço do Currículo**, Paraíba, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 306-316, 1 dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN. **Nota Técnica 28 - Mapeamento geomorfológico do estado do Espírito Santo**. Vitória: IJSN, 2012.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Revista Fractal**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

MELO, Yuri Victor; MACHADO FILHO, Luiz. Mineralogia de areias monazíticas de praias do litoral sul do estado do Espírito Santo. *In*: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO SUDESTE, 16., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. Capes dá início ao pagamento de bolsas da Residência Pedagógica. **MEC**, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/68871-capes-da-inicio-ao-pagamento-de-bolsas-da-residencia-pedagogica>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MUEHE, Dieter. Geomorfologia Costeira. *In*: GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (org.). **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 253-308.

NASCIMENTO JÚNIOR, Daniel Rodrigues; AGUIAR, Vitor Ângelo Paulino de; GIANNINI, Paulo César Fonseca. Minerais pesados das areias praias de Guarapari (ES): distribuição, proveniência e fatores de risco à saúde. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO QUATERNÁRIO ABEQUA, 13.; ENCONTRO DO QUATERNÁRIO SULAMERICANO, 3., 2011, Búzios. **Anais [...]**. Búzios: ABEQUA, 2011 (CD-ROM).

- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista Ideação**, [s./l.], v. 10, n. 1, p.9–40, 2010. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- PONTINI, Vinicius Vieira et al. Roteiro Didático Geológico/Geomorfológico Vitória - Setiba - Guarapari - Ubu (ES). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 48., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia, 2016. p. 5095.
- REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed., 49; reimp. Rio de Janeiro: Agir, 2009